

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



As manipulações da memória em *Nove noites*, de Bernardo Carvalho: desvelando identidades culturais minoritárias

Renan Augusto Ferreira Bolognin¹
Universidade Federal de São Carlos
renanbolognin@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem o objetivo de discutir como as estruturas memorialísticas de *Nove Noites* (2002), de Bernardo Carvalho, revelam e desvelam várias identidades culturais. Para estudarmos as memórias estruturalmente, recorreremos às contribuições teóricas do *Discurso da Narrativa*, de Gérard Genette (1995). Por sua vez, os fragmentos narrativos da memória e a ordem estrutural da narrativa, permitem-nos relacioná-los às buscas identitárias de narradores e personagens do romance. Para estudarmos essas questões, baseamos este artigo, sobretudo, n^o *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), *Da diáspora* (2003), e *Who Needs Identity* (2003), obras de Stuart Hall.

Palavras-chave: Memória – Identidade Cultural – Narratologia - Literatura Brasileira Contemporânea – Bernardo Carvalho

Abstract: This paper have the goal to discuss how *Nove Noites*'s memorialistics structures, novel of Bernardo Carvalho, show up and hide amount of cultural identities. To analyse as memory refers to other narratives voices, we reccur to theoretical contributions from *Discurso da Narrativa*, of Gérard Genette (1995). The memory's fragments related to the narrative structure order, allow us discuss identities searches of narrators and characters of the novel. To study these identities questions, we based our paper in *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), *Da diáspora* (2003), and *Who Needs Identity* (2003), of Stuart Hall.

Keywords: Memória – Identidade Cultural – Narratologia - Literatura Brasileira Contemporânea – Bernardo Carvalho

¹ **Renan Augusto Ferreira Bolognin** é estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos e é bolsista da agência de fomento Fapesp (Processo 14/04838-1). Durante a graduação, o aluno também desenvolveu pesquisas acerca do romance *Nove noites*, de Bernardo Carvalho, e de *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, com auxílio obtido durante dois anos junto à agência fomento do CNPQ. Durante a graduação o autor também realizou um semestre acadêmico de intercâmbio na Universidad de Valladolid, Espanha, mediante bolsa angariada junto ao Programa de Bolsas Ibero-Americanas, do banco Santander. Recentemente, o autor tem-se interessado nos seguintes temas: memória; identidade cultural; narratologia; estruturalismo e pós-estruturalismo; e na literatura brasileira contemporânea.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



O dever de memória é, muitas vezes, uma reivindicação, de uma história criminosa, feita pelas vítimas; a sua derradeira justificação é esse apelo à justiça que devemos às vítimas (Ricœur, *Memória, História, Esquecimento* 6).

Entre as diversas vozes do romance *Nove noites* (NN), destaca-se a dos leitores. Assim, eles agem durante a leitura de NN: construindo o seu próprio Buell Quain. Isso é sustentado quando nos lembramos da narração de Manoel Perna. Dentro dela há a exigência de um interlocutor que nunca diz nada e confunde-se com o narratário que não diz nada. Ou diz? Este silêncio é, sim, preenchido pelo discurso dos leitores que se confundem com o narratário. A imprecisão da categoria narratário permite confundi-lo com os leitores e, por consequência, que estes vejam o romance em mais uma possibilidade de leitura: ao começar a fundir a própria perspectiva, identidade cultural, à matéria narrada e direcionando, assim, uma (não) identificação a Quain.

Igualmente, os leitores são outros a porem as memórias do etnólogo em narração. Nesse silêncio preenchido pelos leitores começa a povoar-se as inconclusões da narração. Por exemplo, o artigo de Yara Fratteschi Vieira (“Refração e iluminação em Nove Noites, de Bernardo Carvalho”) aponta a homossexualidade de Quain enquanto motivação do suicídio. Esta é uma das provas cabais de que a memória começa a ser narrada a partir de um procedimento que diríamos de conjugação de memórias de leitores, afinal a homossexualidade de Quain em nenhum momento é definida. Temos aqui um princípio de adequação das memórias às vozes alheias. Assim, podemos saltar à maneira pela qual elas são narradas à semelhança de abusos da memória, ou seja, de como elas passam por procedimentos extremamente sofisticados para serem lembradas,

Essas múltiplas formas do abuso salientam a vulnerabilidade fundamental da memória, que resulta da relação entre a ausência da coisa lembrada e a presença na forma de representação. A alta problematicidade dessa relação representativa com o passado é essencialmente evidenciada por todos os abusos da memória (Ricœur, “A memória, a história, o esquecimento” 72).

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Só Manoel Perna guarda a memória de Quain (Carvalho, Nove Noites 9) em seu testamento, o que indica a possibilidade de uma memória manipulada, abusada. Num jogo narrativo entre a ficção e a história, é interessante que um sujeito fictício seja o responsável pela narração de Quain. Mas, se a identidade cultural precisa ser narrada para existir (ANDERSEN *apud* RICŒUR, A memória, a história, o esquecimento 204), como dar conta de memórias a respeito de um homem que realmente existiu e é narrado (ao mesmo tempo em que é *identitarizado*, um neologismo que nos parece pertinente) por um ser fictício?

Se refletirmos bem, o testemunho é uma forma oral de narrar experiências passadas e localiza-se entre a memória e a história. Mas o testemunho de Perna é escrito e inexistente do ponto de vista real: É um testamento que existe ficcionalmente. Continuemos com essa relação tendo em vista, didaticamente, que um seja oral e o outro escrito. A função documental do testamento se esgarça, ao mesmo tempo, em que joga com a própria verossimilhança de *NN*: afinal, o testamento refere-se a alguém que receberá certo espólio. No romance, esse espólio seria representado pelas verdades a respeito do suicídio. Mas elas não vêm à tona. Ademais, não nos esqueçamos de que nele fica patente a escrita em função do suicídio de um sujeito branco, estadunidense, abastado e intelectual. Ou seja, lemos um documento fictício e irônico em sua própria essência: um testamento que não traz o que esperava.

Assim sendo, é nesse testamento (já que é um gênero tão relacionado a questões de espólio do mundo real) que a presença de vozes marginalizadas no discurso narrativo não reveladas, afinal, é inegável quando nos lembramos das etnias estudadas por Quain. Pois bem, essa marginalização estende-se ao real (e vice-versa) tal qual o testamento de Manoel Perna indica, afinal ela é inegavelmente sofrida por elas no contexto sócio histórico brasileiro. Com os rastros de uma história que, na verdade, existe (e deveríamos grifar este verbo) na ficção, como o elucida Márcio Seligmann-Silva (“História, Memória,

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Literatura: o testemunho na era das catástrofes” 372): “A literatura, como é bem sabido, também trabalha no campo minado da fronteira – impossível de ser traçada! - entre a referência e a auto-referência”.

A narrativização do suicídio do personagem histórico é somada às “verdades” do acontecimento. Assim sendo, é a memória relacionada ao “Outro” - e cujo desvendamento não tem motivações gratuitas - o que importa. No imaginário do narrador, que tenta dormir “[...] nem que fosse só para calar os mortos” (Carvalho, Nove Noites 168), as memórias da história de Buell Quain nos indagam sobre “ele” e o “Outro”: “*Ou você acha que quando nos olhamos não reconhecemos no próximo o que em nós mesmos tentamos esconder?*” (NN, p. 10). Isto é, as memórias se justapõem umas às outras e extrapolam a investigação.

Quando fechei a cortina, no entanto, ouvi um nome às minhas costas. Ele me chamava por outro nome. Abri as cortinas e perguntei de novo se precisava de alguma coisa. Me chamava “Bill”, ou pelo menos foi isso que entendi. [...] “Quem diria? Bill Cohen! Bill Cohen! Quem diria! Quanto tempo!” [...] Mas foi só ler o artigo da antropóloga há oito meses, e ao repetir em voz alta aquele nome que eu não conhecia e ainda assim me parecia familiar: “Buell Quain, Buell Quain”, que de repente me lembrei de onde o tinha ouvido antes. (Carvalho Nove Noites 145-147).

Esta memória, constituída por uma duração iterativa dos fatos narrados, influencia não apenas o presente da enunciação, mas também o futuro de quem a ouve. Por isso, ao escutar os murmúrios do moribundo, o jornalista se recorda de Buell Quain. Da obsessão, instaurada na narrativa, a memória toma a frente de tudo. Portanto, é significativa a voz estabelecida na boca de Outro: é como o passado vem à tona. Ou seja: o etnólogo estende, assim, sua(s) influência(s) à história pessoal do narrador jornalista. E como a narração dá corpo à experiência, proporciona que ela seja dita pelos matizes de quem a conta (Sarlo, Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo). Igualmente, uma identidade só pode ser dita através de sua narração: no

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



escamoteio que mistura os esquecidos aos lembrados. Toda identidade sempre está embebida de história, mas, não por isso, perde sua veia de ficção.

E nessa historicidade envolvida, a percepção diacrônica do tempo (referida à percepção do passado) é evidenciada na pesquisa do jornalista. No resgate do passado incide a necessidade de identificar-se através da busca de origens, terreno fértil da memória, em direção a um resultado efetivo. Afinal, se é na narração que a identidade é contada, é nela que as diferenças se perfilam:

Isto é para quando você vier. [...] A verdade está perdida entre todas as contradições e os disparates. Quando vier à procura do que o passado enterrou, é preciso saber que estará às portas de uma terra em que a memória não pode ser exumada, pois o segredo, sendo o único bem que se leva para o túmulo, é também a única herança que se deixa aos que ficam, como você e eu, à espera de um sentido, nem que seja pela suposição do mistério, para acabar morrendo de curiosidade. (Carvalho, Nove Noites 7).

A herança memorialística, evidenciada pelo “isto” catafórico, está ligada ao testemunho. A memória sonda o passado, remexendo-o e remodelando-o. E a narrativa fragmentada decorrente representa também os deslocamentos identitários. Tal mobilização é uma tentativa de unicidade incidida em Quain. Já as memórias de Manoel Perna estão repousadas na falta de explicações do ato. É como se demonstrasse a fricção existente entre história e ficção. A escrita deste testamento demonstra que não se pode confiar absolutamente no passado. Na indefinição do interlocutor é notório um possível caráter monológico do testamento. Daí a chave da leitura da história de Quain é representada pela confiança existente entre o “escritor” do testamento e seu leitor: ou seja, nos jogos de identificação cultural de quem escreve e quem lê. Como o tratamento entre Perna e o “suposto” destinatário do testamento não é íntimo, tudo paira no anonimato. Assim, o testamento dá um espólio a aqueles aos quais se refere. No entanto, este testamento de Quain é um jogo sinuoso de descrença da real funcionalidade de dito gênero: o espólio de testamento de Perna, as verdades a respeito da morte de Quain, frustram o leitor. Ironizam com o próprio funcionamento de um texto literário que ergue seus alicerces a

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



partir de um suicídio na realidade. Deste modo, dá-se outro convite à nossa participação leitora na trama. Assim, devemos interpretar o testamento tendo como *parti pris* nossas heranças do passado. Uma memória realizada junto à nossa na forma de um prisma, da qual resultam estas variâncias de destinatários que colocam a narração em funcionamento.

De outra maneira, retornar à história, no caso a de Quain, é, para o narrador jornalista e para nós leitores, sinônimo de tornarmo-nos leitores de nossa própria vida, tal qual indica Paul Ricœur (*Compreensão de si e da história* 13). O desenvolvimento do tempo narrativo é dado pelas cartas de Quain e de outros personagens. Em meio a este espectro de vozes, amplia-se a possibilidade de encontrar nelas a “voz” do etnólogo. É a “textualização” de Quain. É dar voz aos mortos.

Conclusões

A narração da memória, ou a memória em narração, é uma luta obsessiva travada pelo narrador jornalista. Em contraste com a voz de Manoel Perna, tal encaixe proporciona lermos Quain além de uma morte negligenciada por mais de 60 anos. Este encaixe nos permite elucidar a identidade cultural mestiçada de nosso país à luz do tratamento dado às minorias. A memória é, então, além de reveladora disso, a maneira pela qual essas vozes emergem em nosso período sócio histórico na forma textual e pedem para serem ouvidas. E pedem, também, mudanças nos rumos para os quais estamos caminhando. Isto é, um esforço para a valorização democrática das classes sociais e culturais esquecidas de nosso país.

Bibliografia

- Carvalho, Bernardo. *Nove Noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
Genette, Gerard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1975.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

----- *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília, Editora da UNESCO no Brasil, 2003.

----- "Who needs identity?" _____; GAY, Paul. *Questions of cultural identity*. London: Sage Publications, 2003. p. 1-35.

Ricœur, Paul. "Compreensão de si e história". Textos traduzido de Paul Ricœur (Sem data). Web. 08 de junho de 2014.

----- *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

----- Ricœur, "Memória, história, esquecimento". Textos traduzido de Paul Ricœur (Sem data). Web. 08 de junho de 2014.

Sarlo, Beatriz: *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

Seligmann-Silva, Márcio. "O testemunho: entre a ficção e o 'real'". *História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 371-385.

Vieira, Yara Frateschi. "Refração e iluminação em *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho". *Novos Estudos* (2004) Web. 06 de abril de 2013.